

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

Lugares incertos: os andarilhos de Samuel Rawet

Leo Agapejev de Andrade

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do grau de doutor em Letras, Área de Concentração Estudos Judaicos.

Orientadora: Profa. Dra. Berta Waldman

**São Paulo
2013**

Agradecimentos

Ao prof. dr. Saul Kirschbaum, pela paciência e minúcia ao co-orientar este trabalho nas fases iniciais.

À Capes, pela bolsa concedida.

Ao Billy, Jovelina, Michelangelo e Violeta, pela companhia.

It was an illusory place that existed in my head, and that's where I was as well. In both places at the same time. In the apartment and in the story. In the story in the apartment that I was still writing in my head.

(Paul Auster, *Oracle night*)

— Estar numa cidade não é a mesma coisa que entrar nela, Mateo. Por exemplo, você e eu em nosso hotel. Estamos em Buenos Aires, mas não estamos. No apartamento da Deán Funes eu estava em Buenos Aires, mas não estava de todo. Em compensação, na Coronda, sim, Coronda era enfim Buenos Aires, por dentro da cidade, como se diz, no coração da cidade. E olhe, não acho que seja uma metáfora; Caballito está no centro de Buenos Aires e Coronda deve estar no centro de Caballito. Ou, quem sabe, isso já seja literatura.

(Laura Restrepo, *Herois demais*)

Resumo: A escrita de Samuel Rawet é formada por peculiaridades que demandam um leitor atento e crítico quanto à forma de abordagem e interpretação do texto, de maneira que suas “linhas de força” (Waldman, 2004) sejam entrevistas como potencialidades de sentidos. O lugar-comum rawetiano, conceito inevitavelmente impreciso formulado a partir dos contos analisados, mostra ser uma forma de abordagem frutífera e coerente ao texto rawetiano em geral, ao privilegiar elementos textuais e se juntar a outras abordagens à obra de Rawet, trazendo questões como identidade, alteridade, literatura judaica e autoria, dentre outras. Como pontos de partida problematizantes são tomados a figura de Ahasverus em “Crônica de um vagabundo”, a estrutura aberta e a metalinguagem em “Kelevim”, o conto dentro do conto em “Reinvenção de Lázaro”, e o sonho em “Sôbolos rios que vão”. Algumas dessas questões permeiam mais de um dos contos, como a autoria (“Crônica...”, “Sobolos...”, “Kelevim”). A estrutura aberta de “Kelevim”, por sua vez, permite análises comparativas com o ensaio-crônica “Diário de um candango”, sobre o livro de memórias de Marques da Silva, que leva o mesmo título. Ao final, as linhas de força são seguidas ainda mais longe, e arrisca-se uma rápida aproximação com as artes plásticas que conclui este trabalho com uma abertura que atesta a riqueza e validade da obra de Rawet.

Palavras-chave: lugar-comum, “linhas de força”, biografia, identidade, alteridade, literatura judaica, autoria.

Abstract: The writing of Samuel Rawet consists of peculiarities that demand a careful and critical reader who could approach to and interpretate his writings, in order to realize its "lines of force" (Waldman, 2004) as potential paths of meanings. The rawetian commonplace, inevitably imprecise concept formulated from the short stories analyzed, shows a fruitful and coherent approach to rawetian text, privileging the textual elements and joining to the other approaches to Rawet's work, bringing up issues like identity, otherness, Jewish literature and authorship, among others. As controversial themes, I focus on Ahasverus in "Chronicle of a tramp", the open structure and metalanguage in "Kelevim", the story within the story on "Reinvention of Lazarus," and dream on "Over the flowing rivers". Some of these issues goes along more than one story, such as authorship ("Chronicle", "Over...", "Kelevim"). The open structure of "Kelevim", on the other hand, allows comparative analyzes with the chronicle-essay "Diary of a candango", about the same-titled memoirs of Marques da Silva. Finally, the "lines of foces" are followed even further, and I dare a quick approximation to the visual arts that ends this thesis with an aperture that attests the wealthy and valuable works by Rawet.

Keywords: commonplace, "lines of force", biography, identity, otherness, Jewish literature, authorship.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Fortuna crítica	9
3. Metodologia	24
4. Lugares-comuns	25
5. Ensaios e biografia	37
6. “Crônica de um vagabundo”	47
7. O Judeu Errante	77
8. O candango e o engenheiro	94
9. “Kelevim”	103
10. “Reinvenção de Lázaro”	115
11. “Sôbolos rios que vão”	121
12. Conclusão	130
13. Referências bibliográficas	134
13.1 <i>Corpus</i> analisado.....	134
13.2 Bibliografia consultada.....	135
14. Anexos	140
14.1 Anexo 1.....	140
14.2 Anexo 2 – Subnúcleos de “Crônica de um vagabundo”.....	143

1. Introdução

O programa de Estudos judaicos da USP está inserido no departamento de Letras Orientais, junto aos programas de russo, japonês, chinês, coreano e árabe, ao qual se juntou recentemente. Nessa diversidade cultural enorme estão englobadas literaturas diversas que não estão apartadas das literaturas ocidentais de línguas modernas, como a alemã. A incômoda imprecisão da classificação persiste quando se fala, no âmbito literário do Programa de Estudos judaicos, em literatura judaica: necessariamente hifenizada, híbrida, sem padrões nem modelos claramente definidos de temas e formas, encontra-se diluída pelos campos literários “alheios”, estes sim confundidos com identidades territoriais e culturais conflituosas, é verdade, mas convencionalmente definidas e estabelecidas historicamente segundo jogos de força políticos. Em suma, advogam-se autonomias para as literaturas nacionais modernas que a chamada literatura judaica não advoga para si¹ – daí a diferenciação entre literatura hebraica moderna (israelense²) e literatura judaica.

Temas da história e da cultura asquenazita são estabelecidos no Brasil de Moacyr Scliar; em contrapartida, maneiras diversas de se lidar com a própria origem judaica estão presentes em Rawet, e posteriormente em outros autores como Bernardo Ajzenberg. Diante desses rápidos exemplos, percebe-se a complexidade histórica e cultural própria da literatura abordada nos programas de graduação e pós-graduação em Estudos judaicos desse eclético Departamento de Letras Orientais³.

Nesse contexto, Samuel Rawet tem um lugar peculiar, híbrido de imigrante judeu (cujas marcas estão presentes em *Contos do imigrante*, de 1956, e obras posteriores, em menor grau) e autor nacional familiarizado com a linguagem popular e o espaço urbano do Rio de Janeiro, de *Os sete sonhos* (1967) e *O terreno de uma polegada quadrada* (1969), volumes nos quais os contos aqui trabalhados estão inseridos. Rawet será, então, estudado simplesmente como autor de literatura brasileira, uma vez que o enfoque desta tese não será problematizar a denominação “literatura judaica”, embora inevitavelmente passe por isso, posto que não sejam categorias estanques.

¹ O estudo de autores de cânones nacionais distintos, como Bruno Schulz e Joseph Roth, agrupados nas literaturas polonesa e alemã, respectivamente, tende a minimizar o contexto cultural comum, poliglota e judaico, desses dois galicianos relativamente contemporâneos de cultura germânica habsburga.

² A literatura israelense comporta, em menor número, obras escritas em árabe, e árabes que escrevem em hebraico.

³ É claro que Rawet e Ajzenberg caberiam perfeitamente num programa universitário dedicado unicamente à literatura brasileira.

Em *Orientalismo*, Edward Said, referindo-se a uma citação de Gramsci⁴, menciona que “Muito do investimento pessoal neste estudo [o texto é o prefácio à edição de 2003 de *Orientalismo*] deriva da minha consciência de ser um ‘oriental’, por ter sido uma criança que cresceu em duas colônias britânicas [Palestina e Egito, além dos EUA].” Por isso, diz, “o meu estudo do Orientalismo foi uma tentativa de inventariar em mim o sujeito oriental, os traços da cultura cuja dominação tem sido um fator tão poderoso na vida de todos os orientais” (2010, p. 57).

Said coloca-se como um oriental, tomando para si a denominação dada por europeus a não-europeus natos, com toda a complexidade que isso possa trazer. Pode-se dizer, então, que o autor toma para si – criticamente – o rótulo que lhe foi imposto no contexto onde nasceu e cresceu como um “estigma” que o acompanharia a vida toda. Partindo do olhar do dominador, olha para si mesmo não como um reflexo, isto é, como uma imagem nítida, mas como o produto do olhar alheio, distante e deformador, construído por palavras e ideologias: “Eu” (diria Said), o oriental, olho para outros como eu (os orientais) com os termos e linguagem que usam para nos descrever, não para corroborar estereótipos ou consensos mascaradores de complexidades, mas de modo a implodir a estrutura homogeneizante do olhar “deles” sobre “nós”; dobro-me sobre mim mesmo e, como oriental (i.e, pela linguagem “deles”) descubro-me como sujeito, num inventário que busca a memória de si e das palavras.

Nos termos de Said, o olhar crítico sobre formas homogeneizantes (imagens, termos, consensos, senso comum e lugares-comuns) desestabilizaria as estruturas sobre as quais se erguem e se interligam essas formas⁵. Mas só assim o sujeito escondido e sufocado por essa crosta de imagens e conceitos torna à superfície, onde não é necessariamente um herói, mas um sujeito comum; ou um anti-herói, como o andarilho de “Crônicas de um vagabundo”, conto a ser trabalhado nesta tese. Entretanto, só um leitor crítico pode percorrer um texto sem concessões como é o de Rawet. Portanto, o leitor deve estar atento para os questionamentos suscitados por esse movimento textual de dobrar-se sobre si mesmo.

⁴ A citação de Gramsci, de *Cadernos do cárcere*, é a seguinte: “O ponto de partida da elaboração crítica é a consciência do que você é realmente, é o ‘conhece-te a ti mesmo’ como um produto do processo histórico até aquele momento, o qual depositou em você uma infinidade de traços, sem deixar um inventário [...] portanto, é imperativo no início compilar esse inventário” (Gramsci apud Said, 2010, p. 56-57).

⁵ A instalação de Cornelia Parker (cf. anexo) ilustra o processo desse olhar crítico: uma cabana explodida sempre será uma cabana – despedaçada.

Crítica, memória e identidade são palavras recorrentes nas entrelinhas dos contos de Samuel Rawet, escritor que exige um leitor também participativo.

Diante dessa exigência do texto, vista como imperativa por Said, creio que caiba nesta Introdução um inventário pessoal do sujeito que escreve este trabalho, despertado pelo diálogo com o texto rawetiano, por meio da figura do andarilho. Isso posto, inicialmente, à maneira de Edward Said, busco esclarecer os objetivos e as motivações principais deste trabalho⁶.

Meu primeiro contato com a literatura judaica passou por Martin Buber e suas *Histórias do rabi* (1965), objeto de minha dissertação de mestrado. A questão da alteridade ficou atrelada, desde então, à condição judaica, dada a forma com que foi pensada. Mas logo seria novamente problematizada, dessa vez sem resultados tão apaziguadores como em Buber. Pesquisando sobre possíveis repercussões do pensamento de Buber no Brasil, fora das áreas pedagógicas e psicológicas (que são grande maioria), encontrei a menção a Buber na tese de Saul Kirschbaum (2004b) sobre um certo escritor chamado Samuel Rawet. O primeiro contato com a ficção de Rawet foi o conto “Diálogo”, do livro de mesmo título. Nesse conto, tudo acontece ou converge para o âmbito subjetivo: conflitos, tensões contidas sofridamente, hostilidade e desencontro marcam a relação desarmônica entre um pai, que desajeitadamente manifesta sua preocupação com o futuro do filho, e o filho que se divide entre reconhecer e criticar as convicções e cuidados do pai ao mesmo tempo em que insiste em seguir seu próprio caminho. O leitor está diante, portanto, de uma tensão que não se resolve e que estrutura o conto na forma de discurso indireto livre e monólogo interior. O conto desenha um espaço intermediário entre pai e filho: não se dá o diálogo buberiano, encontro de individualidades autoconscientes e desarmadas, mas o exato contrário disso. Com essa constatação, pensei num projeto em que se verificassem em Rawet os traços negativos da filosofia de Buber.

Aconteceu que o confronto inicial com a obra de Rawet mostrou-se muito mais fecunda e complexa que me pareceu à primeira vista. Sua estrutura intrincada e frágil, porém elaboradíssima e resistente a enquadramentos filosóficos ou identitários, mostrou-se suficiente para um tese. Nem mesmo o judaísmo é um traço óbvio em Rawet. Buber ficou de lado, mas antes, influenciou-me na delimitação do tema: a instabilidade dos sentidos nos

⁶ Remeto também a Vilém Flusser (2011e) em *Bodenlos*, sua autobiografia filosófica.

lugares-comuns⁷ rawetianos. Foi selecionado, então, um *corpus* de seis contos, de forma a concentrar as análises nos aspectos semânticos e estruturais dos contos. Esse *corpus* foi apurado e reduzido aos quatro contos que têm como personagens andarilhos e a cidade, partindo da hipótese de que esses personagens seriam o eixo em torno do qual os lugares-comuns se desestabilizam e se desconstroem, levando abaixo a estrutura em que estiveram consolidadas, mas preservando, inevitavelmente, o material de que são feitos.

Ciente das dificuldades de enquadrar os contos de Rawet em campos semânticos nomeáveis (apesar de imprecisos) como filosofia e judaísmo, perguntei-me se a relação hostil com a comunidade judaica do Rio de Janeiro, e posteriormente com o judaísmo praticado em qualquer lugar, estava presente na obra ficcional do escritor como está presente em seus ensaios. Talvez a leitura dos ensaios tenha me levado a verificar a possibilidade de explorar esse caminho, mas o fato é que a alteridade mostrou ser uma questão muito presente e ligada à ética em Rawet, seja explicitamente como em “Diálogo”, seja de forma subjacente a toda sua obra, conforme apontado por Kirschbaum (cf. Bibliografia). Os traços de desenraizamento (estrangeiridade, no sentido identitário), da instabilidade de sentidos do lugar-comum, ambiguidades e indefinições desses contos protagonizados por andarilhos angustiados que procuram por algo que vai se formando e se modificando à medida que avançam, num processo que não tem fim e que paradoxalmente transparece no hermetismo do texto, delinearam personagens ao mesmo tempo comuns e peculiares que viram o mundo que vivenciam pelo avesso.

Com isso, pretendo verificar nesta tese o modo pelo qual o andarilho rawetiano pode ser interpretado como um personagem condenado pela própria lucidez e devido ao próprio desenraizamento, perceptíveis ao longo de suas errâncias. Os andarilhos têm suas “epifanias”, mas elas são extremamente fugidias e instáveis, condenando-os a partir do zero depois de cada momento de lucidez conquistada. Esse grau zero da lucidez é a superfície por onde se deslocam esses andarilhos durante essas pequenas revelações nada religiosas – epifanias horizontais, que perpassam o espaço, mas não se desligam da condição humana daqueles que o vivenciam; momentos fugidios que transcendem algo (alguma limitação, talvez), mas permanecem na superfície, que é onde as coisas acontecem. O material de que são feitos os lugares-comuns são distinguidos e o que estava escondido, vem à luz: valores, preconceitos etc.

⁷ O termo lugar-comum aparece textualmente em vários contos de Rawet. Seus sentidos, bem como sua imprecisão constitutiva, serão abordados neste trabalho.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

